

A EDUCAÇÃO ENTRE DOIS MUNDOS: PROBLEMAS, PERSPECTIVAS E ORIENTAÇÕES

Resenha do livro:

AZEVEDO, Fernando de. *A educação entre dois mundos: Problemas, perspectivas e orientações*. SP: Melhoramentos, 1958. (Obras Completas. Vol. XVI)

Por Merilin Baldan

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Email: merilinbaldan@gmail.com

A importância de (re)ler os clássicos da Escola Nova

O décimo sexto volume das obras completas de Fernando de Azevedo reúne os escritos do autor da década de 1950, bem como um texto da década de 1930 e dois textos da década de 1940. O conjunto de textos está separado em três partes, além da introdução; as duas primeiras partes apresentam-se em núcleos de textos que abordam, respectivamente, o movimento das escolas novas no Brasil e a consolidação do ensino superior no país, sendo a última parte uma reunião de textos distintos que, em maior ou menor grau, tratam da educação, da formação de professores e da disciplina de sociologia.

A **introdução** é interessante porque permite compreender o “olhar sociológico” de Fernando de Azevedo em suas análises acerca dos problemas do país e das perspectivas e das orientações para solucioná-los. A análise sociológica para os aspectos históricos, econômicos, sociais, bem como para os aspectos relacionados a educação e a cultura, acompanha a escrita do autor por todos os textos contidos nesta obra como em sua produção bibliográfica.

De tal forma, para Fernando de Azevedo (1958), a análise e a interpretação do Brasil poderiam ser resumidas nos seguintes tópicos: herança histórico-cultural brasileira, a diversidade geográfica e cultural do país, o tipo de expansão e exploração geográfica e econômica de cada uma das regiões nacionais e o tipo de expansão ou retardamento do poder político. É importante ressaltar, todavia, que os tópicos apresentavam as temáticas pelas quais se poderiam estudar, mas cuja profundidade, permitiria compreender que uma mesma região pode encontrar aspectos distintos.

A ausência de participação popular e a unidade nacional são amplamente abordadas, problematizadas e refletidas, reincidindo, também, nas obras de cunho educacional. Ademais, a transitoriedade e as mudanças operadas são enfatizadas, afim de não recrudescer os fatos e as interpretações, isto é, a necessidade de adaptação e de mudança são asseverados constantemente em sua obra. Aliás, é justamente esse mote de necessária adaptação e mudança que os textos abordados no volume tratam, desvelando os problemas, as perspectivas e as orientações para a educação, para a formação de professores e as disciplinas científicas.

Na **primeira parte** da obra estão compilados os quatro textos que marcaram o embate e as defesas do movimento dos renovadores brasileiro, retomando os escritos e avaliando os avanços e os entraves, bem como procurando ressaltar a sua importância e orientando para que a mudança almejada ainda se realizasse. O primeiro texto *Introdução ao manifesto de 1932*, assevera o olhar sociológico de Fernando de Azevedo frente as mudanças operadas no campo material da sociedade e a sua incongruência no campo

espiritual, de modo que o sistema cultural (e educacional) deveriam adaptar-se e modificar-se para preparar o homem para as novas funções (sociais) que a sociedade moderna o chamava. Para isso, expõe a distinção de classe e a falta de cultura universitária para apontar a necessidade do despertar da “consciência educacional”, o amadurecimento da mentalidade educacional na (re)organização de seu sistema para atender as novas necessidades; não sem antes explicitar os problemas e os obstáculos a se enfrentar entre o sistema tradicional e as teorias renovadoras em educação, já a pleno vapor na sociedade e para a qual não teria freio, mas antes, apenas a necessária condução de tais modificações.

O segundo texto *Manifesto ao Povo e ao Governo: explicações necessárias*, escrito vinte e cinco anos após a publicação do Manifesto de 1932, procura enfatizar a ampla gama dos seus signatários, o caráter histórico do documento e o embate que o mesmo se colocava e permanecia em voga. Por sua vez, o terceiro texto *A Reconstrução Educacional do Brasil: Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, reproduz-o, enfatizando a relevância do documento frente ao problema educacional: o velho e o problemático sistema educacional e a nova educação que traria, não sem esforços, uma renovação de fato ao Brasil. Integralmente o texto se coloca na oposição ao tradicional, salientando a importância da renovação, de acordo com as modernas teorias e técnicas científicas e experimentais, bem como fazendo um amplo destaque ao campo “biológico”.

O quarto texto *A nova política educacional: esboço de um programa educacional extraído do Manifesto* desvela o movimento renovador brasileiro antes e depois do Manifesto dos Pioneiros, ressaltando a forma de catalizador e sistematizador dos ideais e das ideias renovadoras, o papel da vanguarda política e intelectual de seus signatários na proposição de políticas públicas educacionais concretas para o país, bem como apresenta uma avaliação dos percalços que o projeto sofreu frente as resistências e inércias. Em outros termos, o bom recebimento do Manifesto e do seu Programa e o embate travado pelos pioneiros da educação nova, sem cessar, na sua implementação (reformas) e na luta política (direitos constitucionais), acabou encontrando uma certa morosidade que resultou em problemas maiores à educação, relegando-a a dois mundos. As palavras de Fernando de Azevedo são enfáticas a esse respeito e permitem compreender a essência dos textos reunidos no volume que recebeu a mesma alcunha: “Não souberam ainda tomar um rumo nessa encruzilhada da **educação entre dois mundos**. Tendo diante de si diversos caminhos, - dois ou três, - um dos quais apontado no plano do Manifesto, não se decidiram por nenhum deles” (AZEVEDO, 1958, p. 94 – grifos nossos).

Já a sua **segunda parte** dedica-se exclusivamente a abordagem do ensino superior no Brasil e o problema da Universidade, sendo composta por quatro textos nos quais discute-se o problema universitário no Brasil, a criação e a consolidação da Universidade de São Paulo, a função social e a essência das universidades, a sua estrutura e organização na sociedade moderna, entre outros fatores. Dessa forma, o primeiro texto *As universidades e o momento histórico*, aborda a relação entre a arte e a ciência e como esta última está mais próxima das necessidades da sociedade moderna à qual a universidade deve atender e, portanto, deveria enfrentar problemas políticos com os quais se deparavam. Nesse sentido, Fernando de Azevedo (1958) ressalta no texto as conquistas científicas e a necessidade de sua harmonia com o homem a partir do qual assevera a essência da universidade.

O segundo texto, por sua vez, *O problema universitário (Manifesto dos Fundadores da Universidade de São Paulo)*, salienta a criação da USP em meio aos embates, definindo os objetivos e os obstáculos a serem enfrentados, tudo a seu tempo e, cujo combate, ainda permanecia na ordem do dia para o qual o Manifesto apresentava-se. O primeiro item desta novo manifesto debatia a criação da Faculdade de Filosofia, a partir

da qual se pensava em realizar uma “reforma de base” do ensino universitário brasileiro, posto que o papel desta faculdade deveria ser justamente de articular o conhecimento especializado à cultura geral, bem como integrar os estudantes universitários. Para isso, Fernando de Azevedo (e os signatários desta manifesto) salientava a importância da autonomia e da administração descentralizada. A partir destes pressupostos, passa a discorrer sobre a relevância da construção da “cidade universitária”, integrando a “unidade à diversidade”, optando ainda para a localização de sua construção (Butantã) e o estilo arquitetônico a ser adotado: moderna e tradicional. Todavia, a escolha do projeto arquitetônico deveria ser organizado a partir da divulgação dos princípios almejados para a cidade universitária, seguido da abertura de um concurso público e uma comissão avaliadora dos projetos. É, ainda nesse texto, que Fernando de Azevedo observa como os problemas a serem enfrentados pela USP e a solução por meio da assistência social aos estudantes e a criação de espaços de convivência e de apropriação da cultural. Tais aspectos revelariam, de acordo com o Manifesto, as ideias e as atitudes fundamentais para a sua construção e consolidação, bem como os perigos em sua inflação de vagas.

O terceiro texto *Universidade de São Paulo* é um verdadeiro testemunho do processo de criação e fundação desta universidade. Para isso, Fernando de Azevedo (1958) expõe como as universidades foram constituídas no Brasil (reunião de faculdades) e como a USP foi a única constituída dentro do “verdadeiro espírito” que se esperava, a partir das Reformas de Francisco de Campos. Ademais, é importante a discussão acerca da importância do ensino superior brasileiro ao longo da sua história e, como as décadas de 1920 e 1930, permitiram que o debate ganhasse outro patamar e se concretizasse, fazendo destaque ao Inquérito do Estado de São Paulo de 1928 e a 5ª. Conferência Nacional de Educação, além do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova no Brasil, resultando em conquistas constitucionais (1934 e 1946). Outro testemunho valioso deste texto é a relação do próprio autor no debate do ensino superior e as funções para os quais foi convidado com a finalidade de concretizar os ideais que ele, e os outros, almejam, fazendo destaque as colaborações com Armando Salles de Oliveira e Julio de Mesquita Filho no projeto de criação da USP, em que fora o relator. O texto ainda revela os embates travados na constituição da USP e as soluções encontradas para fortalecer a importância da Faculdade de Filosofia desta instituição. Permite, ainda, constatar os aspectos positivos, 20 anos depois da sua criação, de valor mais quantitativo do que qualitativo e, inspirados na primeira casa de saber do Brasil, em São Paulo, em 1953, com os jesuítas, cujo sonho ainda deveria ser concretizado. Para este sonho/ideal, alinhavam-se homens de grande valor e os que, por ele e com ele, se empenhavam nessa luta.

O quarto texto *As universidades no Mundo do Futuro* é o maior dos textos da segunda parte e se organiza em onze tópicos. A introdução e o primeiro tópico asseveram os objetivos e as configurações propostas para o texto. O segundo tópico aborda a essência (atemporal) das universidades; sendo que do terceiro ao quinto tópicos desvelam esta essência ao longo da história das universidades e como decorreu o embate entre a tradição e a inovação nesse percurso. O sexto e o sétimo tópicos revelam a relação entre a verdade e a liberdade em que as universidades devem estar embebidas e como isso é possível na relação entre as universidades e o Estado, resultando no aprofundamento deste debate no oitavo tópico. O novo tópico aponta a necessidade de conciliação entre o mundo material e o mundo espiritual por meio da universidade (formação) e os tópicos dez e onze sinalizam o modo como as universidades poderiam se organizar para atingir esse fim.

A **terceira parte** é composta por cinco textos que versam sobre diferentes aspectos da educação: formação de professores e o ensino primário, a constituição da sociologia como disciplina e a importância da produção do livro sobre a renovação do ensino; apesar

de temas aparentemente difusos, remonta a importância da relação.embate entre o tradicional e o moderno no entre século XIX e XX. O primeiro texto *A educação de educadores: evolução e problema do ensino normal de São Paulo*, versa sobre as escolas normais e a formação de educadores na história, desvelando as transformações ocorridas e a importância da essência e do papel das reformas nesse nível de ensino. A esse respeito, apresenta as reformas das escolas normais frente as estruturas arcaicas e a necessidade de revisão do currículo que deveria atender as disciplinas científicas, bem como a tradição e a modernidade em diferentes aspectos da educação (professor, aluno e ensino), bem como as preocupações e as implicações entre democratização e qualidade de ensino.

O segundo e o terceiro textos foram a sociologia e ambos foram apresentados no Primeiro Congresso Brasileiro de Sociologia (1954). O primeiro texto *Para um Ensino Criador de Idéias e de Sistemas* desvela o movimento das disciplinas de antropologia e de sociologia no Brasil e a sua constante internacionalização, ou seja, a interlocução entre os intelectuais brasileiros e estrangeiros, além do debate inicial da introdução da sociologia no currículo da educação brasileira, principalmente frente a necessidade do rigor científico e o seu caráter na formação dos alunos. O segundo texto *O ensino e as pesquisas sociológicas no Brasil: problemas e orientações*, tem como destaque os entresos da sociologia, como disciplina científica, a sua introdução frente a uma estrutura tradicional da educação brasileira, a urgência da renovação do ensino para um caráter científico, além da necessária articulação entre ensino e pesquisa.

O quarto texto *As técnicas da indústria do livro e as relações entre mestres e discípulos* inicia apontando o uso as apostilas no ensino e a sua relação com a estrutura socioeconômica e de produção do livro, a partir do qual, remonta a história do livro e da sua produção desde a antiguidade aos dias atuais (década de 1940), evidenciando a relação entre a estrutura socioeconômica e o uso do livro no ensino e na cultura. Em seguida, demonstra a importância da renovação a partir das mudanças técnicas e materiais da sociedade que acabaram por refletir mudanças na estrutura do ensino, renovando-o, ainda que tenha permanecido alguns ranços da bibliofilia ao lado da expansão do mercado e da circulação dos livros, como é o caso da literatura infantil e a biblioteca circulante, além de forçar o professor a renovar os seus conhecimentos e a imprimir uma nova marca na educação. Esse texto é um dos mais reveladores na obra quanto a relação entre o embate tradicional e renovação a partir da análise do professor, do aluno e do ensino no percurso histórico.

O quinto texto *Horizontes perdidos e novos horizontes*, aborda o ensino primário, remontando o percurso histórico da sua constituição e função, a trajetória na educação paulista e o processo de renovação e superação do dualismo educacional. Em outros termos, Fernando de Azevedo (1958), revela o dualismo existente entre a similaridade do sistema escolar com a estrutura social, a partir da qual o ensino primário renovado deveria assumir uma dupla função: a homogeneização e a diferenciação; ou seja, com o processo de assimilação e integração da popular por meio de conteúdos gerais e comuns, bem como forjando a unidade nacional. Outro aspecto abordado é a relação entre a educação e a economia, para a qual a educação primária, deveria aproximar as classes sociais (elite e povo) e o trabalho (intelectual e manual). A escola, segundo Fernando de Azevedo, embora não seja a única instituição educacional na sociedade, era a mais importante dada a “consciência” em suas funções e capaz de garantir a base comum de formação dos homens e de renovação da sociedade.

Ao finalizar esta resenha esperamos ter instigado os leitores a (re)ler os clássicos da educação, principalmente, em relação ao movimento da escola nova e aos intelectuais a ela ligados, por nos permitirem, com o distanciamento histórico, perscrutar seus objetivos e

motivações, a circulação de ideias renovadoras e a relevância de suas produções para a compreensão dos embates travados no entre-século XIX e XX que continuam mais atuais do que nunca. Ao (re)ler os clássicos, podemos encontrar muitas passagens que desvelam as raízes dos discursos contemporâneo. Ademais, quem atua na área educacional não pode dispensar a leitura dos ilustres (des)conhecidos, que o tempo e os estereótipos que nos rondam, descaracterizam lutas e ideias.